



Uma Vocação centenária: a biblioteca da Imprensa Nacional

Inês Queiroz^a

^aImprensa Nacional-Casa da Moeda, Portugal, ines.queiroz@incm.pt

Resumo

A biblioteca da Imprensa Nacional é depositária de um património bibliográfico e documental com mais de dois séculos e meio. O seu acervo compreende boa parte do património da editora pública, mas também um largo conjunto de coleções com interesse para a história das artes gráficas, da tipografia, do livro, da língua e da cultura portuguesas. O primeiro espaço da biblioteca localizava-se no já desaparecido palácio Soares de Noronha, que acolheu originalmente a Imprensa Nacional, em 1768, no lugar do qual hoje se encontra o atual edifício, construído entre 1895 e 1913. Em 3 de outubro de 1923, nasceu aqui a nova biblioteca, na «Sala António José de Almeida», que em 2023 completará 100 anos de atividade. A evocação do primeiro centenário desta biblioteca é uma oportunidade para aprofundar o conhecimento histórico sobre as suas coleções mas também para refletir sobre a sua missão de futuro no âmbito do serviço público da Imprensa Nacional, que tem por objetivo a promoção da língua e da cultura portuguesas tanto no quadro dos valores democráticos, como no que diz respeito à sua relação com a comunidade, seja ela territorial, virtual, académica ou de outra natureza.

Palavras-chave: Comunidade, Republicanismo, Cidadania, Artes Gráficas, História do Livro.

Introdução

A biblioteca da Imprensa Nacional é aberta a todos os cidadãos e disponibiliza um património que ascende a mais de 20 mil volumes, incluindo o Jornal Oficial (atual *Diário da República*). Nos últimos anos, através da Unidade e Edição e Cultura, a biblioteca tem também reforçado o seu papel como agente cultural, promovendo, em acesso livre e gratuito, a realização de temporadas de música e de teatro, leituras de poesia, apresentações de livros e encontros científicos.

Embora a Imprensa Nacional (atualmente parte da Imprensa Nacional – Casa da Moeda) tenha mantido o seu acervo bibliográfico organizado desde a sua fundação, o espaço onde atualmente se encontra – a «Sala António José de Almeida» – irá completar cem anos de atividade em 3 de outubro de 2023. A evocação deste primeiro centenário da biblioteca, que resulta de uma forte herança republicana, é uma oportunidade para aprofundar o conhecimento histórico sobre as suas coleções mas também para refletir sobre a sua missão de futuro, quer enquanto serviço público alinhado com os valores da editora pública, quer no que diz respeito à sua relação com a comunidade, seja ela territorial, virtual, académica ou de outra natureza.

A história das coleções

O conhecimento histórico sobre esta biblioteca é fundamental para uma gestão mais eficaz das suas

coleções e respetiva relação com o público. Entre produção editorial própria, doações, aquisições em leilão, materiais gráficos oriundos da escola tipográfica, projetos gráficos de livros e mesmo provas finais de edições com notas de revisão, os materiais que compõem este acervo são muito diversificados, por vezes fragmentados e ainda parcialmente desconhecidos. A diversidade deste património impõe por isso uma abordagem interdisciplinar, articulando conhecimento entre os domínios da história, do *design*, da literatura, das ciências da informação e documentação e ainda da memória profissional, que em diversos casos tem permitido recuperar informação sobre o percurso de algumas destas coleções.

A base empírica desta investigação sobre a evolução da atividade da biblioteca partiu do estudo e tratamento de fontes primárias à guarda do arquivo histórico da INCM (permitindo reconstituir algumas aquisições, doações e processos de encadernação, por exemplo), bem como de bibliografia coeva e fontes secundárias (incluindo discursos e relatórios relativos aos primeiros anos de atividade). A abordagem histórica aqui proposta concentra-se na fase de instalação e nos pressupostos que estiveram na origem da «Sala António José de Almeida», compreendendo-os no contexto da Primeira República e assumindo uma linha de continuidade que atualmente se reconhece nesses pressupostos.

Pode dizer-se que a biblioteca da Imprensa Nacional nasceu com a própria editora do Estado, então designada Impressão Régia, em 1768. Pelo Alvará, que fundou a tipografia régia, de 24 de dezembro de 1768, ficou prevista a integração de um «livreiro», incumbido da «livraria» e das encadernações dos livros, que deveria ser escolhido de entre «um dos mais peritos no seu ofício», e ao qual competia também servir a Real Biblioteca.

O primeiro grande impulso dado a esta biblioteca verificou-se no início do século XIX, com a aquisição de mais de 500 edições estrangeiras, sabendo-se, em 1812, que já se compunha uma «grande livraria», com mais de 1000 títulos de obras, as mais antigas remontando a 1524. O impacto das Invasões Francesas refletiu-se neste acervo, quando em 1826 cerca de metade foi remetida para a Biblioteca da Ajuda, então em processo de reconstituição.

Em meados do século XIX, a administração da Imprensa Nacional procurou recuperar parte deste acervo e enriquecer a biblioteca com novas edições, nomeadamente aquelas que se mostrassem mais relevantes para a formação geral e especializada do seu operariado gráfico.

Sob o espírito do liberalismo e do republicanismo então emergente, a biblioteca foi crescendo, quer através da incorporação de edições próprias quer através de doações e aquisições. A construção do novo edifício da Imprensa Nacional, entre 1895 e 1913, fez desalojar a biblioteca do andar nobre do velho Palácio Soares de Noronha, virado para a Rua da Imprensa Nacional, devolvendo-a a um espaço próprio, virado para a mesma rua, no início da década de 1920. A nova sala, que homenageou António José de Almeida, foi apresentada como «uma etapa gloriosa na vida da República», num contexto que era ainda de rescaldo da Grande Guerra e de plena luta pela subsistência do operariado e pela manutenção do equilíbrio laboral na Imprensa Nacional. Estes primeiros anos da década de 20 representaram uma importante herança cultural na vida da editora do Estado, onde a biblioteca, percebida como novo espaço de conhecimento, permitiu promover exposições bibliográficas e artísticas, acolher visitantes, organizar palestras e valorizar as suas coleções, num contexto de internacionalização do conhecimento e de crescente articulação com outros organismos de cultura e ciência.

Cumprindo os valores essenciais do republicanismo, sobretudo em matéria de democratização do conhecimento, a biblioteca foi assim colocada ao serviço da «educação de que a sociedade portuguesa tanto carece». Como observaria o seu primeiro responsável, José Maria Gonçalves, «A biblioteca da

Imprensa, pela vastidão e riqueza bibliográfica que encerrava, não podia limitar a sua função a determinado objetivo de carácter restrito». O mesmo bibliotecário deixou também registada a preocupação em encadernar boa parte dos volumes entretanto catalogados, não só para garantir a ocupação de encadernadores internos e desempregados mas também para salvaguardar as coleções da humidade e de outras fontes de degradação natural, facto de que beneficiam até aos dias de hoje.

Em julho de 1924, a sala foi oficialmente aberta ao público, registando um aumento constante de visitas nos anos seguintes, numa procura mais focada em obras literárias e de ciências naturais do que na consulta de legislação. A esta abertura, que passou a incluir o público em geral, associou-se uma vocação cultural, cuja herança é hoje claramente assumida e cumprida.

Conclusões

A contextualização das coleções e a compreensão dos valores subjacentes à criação da biblioteca da Imprensa Nacional devem ser consideradas nos processos de reflexão sobre o seu papel futuro. Os modelos atuais de disseminação do conhecimento e de envolvimento da comunidade poderão ser enriquecidos pelas suas dimensões pedagógica, social e cultural, sem perder de vista as motivações originais para a constituição de diferentes coleções e os públicos-alvo que poderão estar associados.

Referências bibliográficas

AHINCM – Arquivo Histórico da Imprensa Nacional. *Biblioteca*.

Canavarro, Pedro et al. (1975). *Imprensa Nacional: Actividade de uma casa impressora. 1.º vol.: 1768-1800*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Dias, Rúben, & Meira, Sofia. (2018). *Imprimere — Arte e Processo nos 250 Anos da Imprensa Nacional*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda/ESAD — Escola Superior de Artes e Design.

Gonçalves, José Maria. (1926). *Relatório da Biblioteca da Imprensa Nacional Relativo aos Anos de 1924 e 1925*. Imprensa Nacional.

Inauguração Solene na Biblioteca Sala António José de Almeida em 3 de Outubro de 1923, com a Honrosa Assistência de Sua Excelência o Senhor Presidente da República. (s. d.). Imprensa Nacional de Lisboa.

Queiroz, Maria Inês (coord.), José, Inês, & Ferreira, Diogo, (2019). *Indústria, Arte e Letras. 250 anos da Imprensa Nacional*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.